

HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz e organização de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 269 páginas. ISBN 85-336-1920-0

Non omnis moriar (carm. 3, 30, 6). A tópica da perenidade da poesia atualizada nessa ode pode servir muito bem como epígrafe para traduções de Horácio. Traduzir também é forma de manter vivo o poeta, sobretudo aquele que escreveu em língua não mais falada, o latim, e tão distante no tempo, no séc. I a. C. Assim, leitores de poesia, especialistas ou não, têm acesso a todas as *Odes* e *Epodos* de Horácio em boas edições, em língua alemã, francesa, inglesa e italiana, que, além de cuidadas translações, antepõem ensaios introdutórios para o todo e pospõem úteis notas para cada poema. Se quisermos, porém, ler, em língua portuguesa, todos os versos horacianos, não será possível, pois não há edição moderna e completa de *Odes* e *Epodos*¹, com texto de apresentação e notas explicativas que realmente nos ajudem a compreender os *carmina* desse *Musarum sacerdos* (carm. 3, 1, 3).

¹ Há traduções antigas e completas das *Odes*, mas não dos *Epodos*, que foram censurados, sobretudo os poemas contra as velhas (o 8 e o 12).

Se ainda não o temos todo, *multa pars* (carm. 3, 30, 6) já está traduzida e publicada. O último Horácio que veio a público nos foi dado em 2003 pela antiga editora Martins Fontes, na tradução² de Bento Prado de Almeida Ferraz e com organização de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. O volume, que tem alguns problemas, começa com título não muito apropriado: *Odes e Epodos*. À primeira leitura, parece que a ausência acusada acima tenha sido suprimida com esta obra. Ao percorrer, porém, o primeiro grupo de odes (*Odes* 1, 1-10), o chamado *Paradeoden*³, faltam os *carmina* 5, 7 e 9. Portanto, mais do que intitular *Odes e Epodos*, o título do livro deveria informar que se trata de seleção, em que faltam 54 odes⁴ e 6 epodos⁵.

² A tradução é de meados do século passado.

³ Para discussão deste primeiro grupo e da organização do primeiro livro, ver Minarini A. *Lucidus ordo. L'architettura della lirica oraziana (Libri I-III)*. Bologna: Pàtron Editore, 1989, p. 25-100.

⁴ As odes ausentes por livro que somam mais da metade do total dos *carmina* (103): **livro 1**: 5, 7, 9, 12, 13, 18, 24, 26, 27, 28, 29, 33, 36, 37 (quatorze odes); **livro 2**: 1, 2, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20 (treze odes); **livro 3**: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 29 (vinte e três odes); **livro 4**: 1, 2, 3, 4 (quatro).

⁵ Os epodos que faltam são: 1, 5, 7, 8, 9, 17.

Passado o 'AO LEITOR' (p. xi-xx), em que, principalmente, temos notícia sobre a origem desta edição e sobre o tradutor, chegamos à introdução ('AS DÁDIVAS DO CONTEÚDO', p. xxi-xxxviii), assinada por Antonio Medina Rodrigues, em que se preocupa com a tradução, não só a de Bento Prado de Almeida Ferraz, mas ainda com a do português Filinto Elísio (1734-1819) que também traduziu diversas odes. Os textos iniciais de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, de José Amaral de Almeida Prado e de Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior têm, sobretudo, valor encomiástico, e o texto introdutório comenta a tradução, principalmente, sob a ótica de Walter Benjamin (p. xxiii ss.).

Julgamos que seria bastante relevante comentar a tradução de acordo com os preceitos estabelecidos pelo próprio tradutor que, embora breves, nos dão informações sobre o léxico, a métrica e a citação de versos de Camões na translação. O texto em que expõe seus critérios ('NOTA SOBRE A TRADUÇÃO', p. 5-6) traz um subtítulo entre parênteses ('A PROPÓSITO DA PRIMEIRA ODE') que parece inadequado, já que o tradutor, por exemplo, diz ter usado a ode sáfica portuguesa para traduzir odes horacianas em estrofe sáfica (p. 5). Ora, a Ode 1, 1 é *katástica*, isto é, monométrica e em asclepiadeu menor. Portanto, o texto não é apenas sobre a primeira ode. É verdade

que mais abaixo fala especificamente da 'primeira ode', mas, novamente, trata também da tradução de maneira geral. Resta, então, a dúvida: o subtítulo, entre parênteses, é de autoria do tradutor, que a partir do comentário sobre a tradução da ode inaugural faz considerações sobre o todo? Ou é de responsabilidade do editor, que não atentou para o fato de haver um texto, sobretudo, de preceitos genéricos, e não apenas da primeira ode?

Vejam nas palavras do próprio tradutor o que diz sobre o uso dos metros escolhidos para traduzir as odes:

Quanto à métrica, na impossibilidade de manter o ritmo latino, função da quantidade, imperceptível em português, servimo-nos em regra geral do hendecassílabo⁶ heróico ou sáfico, indiferentemente. Abrimos exceção apenas quando se trata da ode sáfica: então, usamos a estrofe sáfica portuguesa. Não na pretensão de manter o ritmo latino impossível, mas para dele nos aproximarmos, quando, incapazes de uma leitura exata de um romano da época de Horácio, lemos vulgarmente a ode.

Das 25 odes de Horácio em estrofes sáficas⁷, Bento Prado de

⁶ Ou, como é mais comum, decassílabo.

⁷ Livro 1: 2, 10, 12, 20, 22, 25, 30, 32, 38; livro 2: 2, 4, 6, 8, 10, 16; livro 3:

Almeida Ferraz traduz 16⁸, e, excetuada a Ode 1, 32, sempre as traslada na chamada estrofe sáfica portuguesa (três decassílabos seguidos por um tetrassílabo). Tal exceção (p. 79), *carm.* 1, 32, é vazada em tercetos formados por dois decassílabos e um hexassílabo. Nessa tradução, porém, há outra exceção: a quarta estrofe não é um terceto, como as demais, mas um quarteto formado por três decassílabos e um hexassílabo. Coloca-se, então, mais uma dúvida: a irregularidade é intencional? Se foi desejada pelo tradutor, qual seria a razão de outra estrofe para verter a estrofe sáfica? Por que um quarteto entre tercetos? Será uma tradução não concluída?

A tradução da Ode 1, 32, embora tenha o mesmo número de versos do original latino, é bastante concisa, eliminando palavras e condensando versos. A primeira palavra do poema (*poscimur*), por exemplo, não é traduzida; o quinto verso (*Lesbio primum modulate cini*), que é circunlóquio para indicar o poeta arcaico mais presente no primeiro livro⁹ de *Odes*, transforma-se em “de

Alceu”; o sexto verso (*qui, ferox bello, tamen inter arma*) é traduzido por “que, no combate embora...”. Por outro lado, chama a nossa atenção o superlativo “nigérrimos” (v. 9 da tradução) para traduzir o adjetivo no grau normal, *niger* (v. 11 do original); ou, então, a epizeuxe “salve! salve!” (v. 15 da tradução) para traduzir o único *salve* (v. 15 do original); ou, por fim, o *Liber* (v. 9 do original) é vertido não por Líber, mas por outro nome acompanhado de adjetivo: “jovial Leneu” (v. 8 da tradução).

É também digna de nota a diagramação de alguns poemas traduzidos em estrofe que não apresentam espaço entre elas, como é costume na obra. Além da já mencionada Ode 1, 32, citamos aqui a 3, 13 (p. 127), que, em estrofe asclepiadeia, é vazada em estrofes diversas, o que nos faz pensar ser intencional a irregularidade¹⁰ do *carm.* 1, 32. O *carm.* 3, 13 tem o seguinte esquema

é sempre traduzida por Bento Prado de Almeida Ferraz em hendecassílabos.

¹⁰ Não fizemos levantamento exaustivo para saber quantos poemas são traduzidos com estrofes diversas, mas vale ainda mencionar a conhecida Ode 1, 11, em asclepiadeu maior *κατὰ στίχον*, trasladada por um quarteto inicial formado por três decassílabos e um hexassílabo, seguido por um septeto de seis decassílabos seguidos por um hexassílabo e, por fim, um terceto de três decassílabos. Dissemos ser importante mencionar, pois outra ode em asclepiadeu maior

8, 11, 14, 18, 20, 22, 27; **livro 4:** 2, 6, 11. Excluimos a Ode 1, 8 que utiliza também metro sáfico, mas com esquema diverso dos demais.

⁸ Faltam do **Livro 1:** 12; do **livro 2:** 2, 6; do **livro 3:** 8, 11, 14, 18, 20; do **livro 4:** 2.

⁹ Além disso, a estrofe mais utilizada por Horácio nas *Odes* é a alcaica, que

métrico: dois tercetos iniciais formados por dois dodecassílabos seguidos por um hexassílabo, um sexteto de cinco dodecassílabos mais um hexassílabo final e um quarteto com três dodecassílabos seguidos por um hexassílabo.

Merece ainda uma cerrada revisão a disposição, página a página, do texto latino e da tradução. Há problema, por exemplo, na Ode 1, 8, em que o último verso da tradução na pág. 31 (“Por que se oculta, como”) deveria estar na pág. 33, pois corresponde ao verso 13 do original (*quid latet, ut marinae*) na pág. 32; na Ode 2, 3, em que o primeiro verso da tradução na pág. 91 (“que o destino dos homens, atrás, tecem”) deveria estar na pág. 89, pois compõe a tradução do v. 16 (*fila trium patiuntur atra*), que está na pág. 88; na Ode 3, 9, em que os versos 17 e 18 do texto latino (*Quid si prisca redit Venus / diductosque iugo cogit aeneo*), na pág. 122, deveriam estar na pág. 124, pois a tradução (“E, se Vênus voltar, com jugo férreo, / para a nós, desligados, religar-nos?”) está na pág. 125; na Ode 4, 9, em que o último verso da tradução na pág. 161 (“nem Teucro foi quem se serviu, primeiro”) deveria estar na pág. 163, pois traduz o verso 17 do original (*primusue Teucer tela Cydonio*) que vem na pág. 162; na mesma Ode 4, 9, os últimos quatro versos da tradução na pág. 163 (“o honesto ao útil antepõe e

enjeita / a culposa propina e, vitoriosa, dos adversos assédios se liberta. / Não chamarias, com razão feliz”) deveriam estar na pág. 165 pois correspondem à tradução dos v. 41-46, situados na pág. 164 (*iudex honestum praetulit utili etc.*)¹¹.

Outro problema é a falta de parte do texto latino: na Ode 4, 8, faltam dez versos (v. 9-18). Parte deles, do v. 9 ao v. 16 (*Sed non haec mihi uis, nec tibi talium / res est aut animus deliciarum egens: / gaudes carminibus; carmina possumus / donare, et pretium dicere muneri. / Non incisa notis marmora publicis, / per quae spiritus et uita redit bonis / post mortem ducibus, non celeres fugae / reiectaeque retrorsum Hannibalis minae*), deveria estar na pág. 156 em que há a tradução correspondente, e os versos 17-18 (*non incendia Karthaginis inopiae / eius qui domita nomen ab Africa*) na pág. 158, pois ali se encontram os versos traduzidos. No Épodo 11, o problema é o oposto: há texto latino, mas falta a tradução. Os três últimos versos da tradução (“O amor desse Licisco, que se orgulha / de, em volúpia, vencer qualquer menina, / é que ora me cativa, ao qual não podem”) na pág. 215 traduzem os versos 23-24 e parte do 25 (*Nunc gloriantis quamlibet mulierculam / uincere mollitia amor Lycisci me tenet; / unde ... non ... queant*). Vemos que o texto da tradução é interrompido

(*carm.* 4, 10) é vertida por Bento Prado de Almeida Ferraz em hendecassílabos.

¹¹ Não pretendemos assinalar todos os erros deste tipo, mas devem ser revistas ainda as Odes 4, 12 e 4, 14.

abruptamente, mas resta a dúvida: Bento Prado de Almeida Ferraz não terminou a tradução ou faltou a transcrição? No Epodo 16, não há ausência, mas excesso de texto: os v. 3-22 nas págs. 230-232 são repetidos na pág. 232, ou seja, depois do verso 22 (*Notus uocabit aut proteruius Africus*) aparecem na sequência, de novo, os v. 3-22.

Porém, o erro mais estranho está no Epodo 6, poema de dezesseis versos, vazados em dísticos epódicos, formados por trímetro seguido por dímeter iâmbico. Bento Prado de Almeida Ferraz, para traduzi-lo, usa dezessete versos, distribuídos em quatro estrofes: a primeira é um quarteto em que se alternam dodecassílabos e hexassílabos; a segunda é um hepteto em que também se alternam dodecassílabos e hexassílabos; a terceira é um quarteto em que há três dodecassílabos e um hexassílabo (o segundo verso da estrofe); a quarta é um dístico formado por versos de treze sílabas. Esta parte final chama a atenção não só pelas treze sílabas, mas também pelo último verso da tradução não rimar com o outro (“Supões que, se, feroz, alguém contra mim vier / inulto, hei de chorar como um parvo cabritinho?”), já que Bento Prado compõe estrofes rimadas. Ora, se observarmos o manuscrito da tradução, na pág. 268, veremos que “cabritinho”, palavra que não aparece nem no original latino, foi colocado no lugar de “qualquer”, palavra não só que

forma verso de doze sílabas, mas também rima com “vier”, última palavra do verso anterior. Trocaram também “acaso” primeira palavra do dístico por “supões que”. Quem fez tais modificações na tradução? Por quê? Ou é uma outra versão do tradutor, não informada ao leitor?

A grande quantidade de erros e a ausência de notas não favorecem a tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz que tem qualidade, bem destacada pelos textos iniciais da edição. Assim, para citar tradutor e poeta (*carm.* 4, 9, 1), *ne forte credas interitura...* (“Não creias hajam de morrer os versos”), ou seja, os versos latinos de Horácio e portugueses de Bento Prado ainda não morrerão, nem serão prisioneiros da onda estígia (*carm.* 2, 20, 6-8), mas merecem um cuidado maior. Uma nova edição deveria confrontar novamente o texto estampado com os manuscritos do tradutor para que se possam avaliar corretamente os versos de Bento Prado de Almeida Ferraz. Não seria menos importante o acréscimo de notas, recorrendo às edições já consagradas, para esclarecer o texto, principalmente, ao leitor não especialista.

ALEXANDRE PINHEIRO HASEGAWA
Universidade de São Paulo